

UMA ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA DAS PREPOSIÇÕES PORTUGUESAS

Lajla Katherine Rocha Simião

RESUMO

Este artigo tem como tema o estudo das preposições a partir da Ecologia das Relações Espaciais (ERE) equiparado ao que é apresentado nas gramáticas normativas, dessa maneira, objetiva-se expor a ERE e contrasta-la com as descrições que as gramáticas fazem das preposições a partir de uma perspectiva Ecolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Preposições; ecologia das relações espaciais; prototípicas.

Introdução

Em 1971, Francisco da Silva Borba, em seu estudo sobre o *Sistema de Preposições do Português*, já mencionava que “a língua só cumpre sua tarefa primordial – a comunicação – quando relaciona suas unidades básicas ou signos”, dessa forma, as preposições desempenham papel fundamental na comunicação ao estabelecerem relações lógicas entre os elementos da língua. Não somente por serem peças indispensáveis da estrutura linguística, as preposições são também, entre todas as categorias verbais, as de mais difícil domínio talvez pelas distintas formas como são apresentadas nos dicionários e gramáticas, além dos diversos matizes de significado a elas atribuídas, o que as torna material rico a ser pesquisado.

Assim como em Borba, as preposições já foram tema de algumas pesquisas com objetivos e perspectivas diversos. O que pretendo neste artigo é expor a Ecologia das Relações Espaciais (ERE) e contrastá-la com a descrição que as gramáticas normativas fazem das preposições.

Para tanto, partimos do suporte teórico da Ecolinguística, que é o estudo das relações da língua com o meio ambiente, que pode ser natural, mental ou social. Foi no contexto dessa disciplina que surgiu a ecologia das relações espaciais, de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas, ou nocionais, como Bernard Pottier já havia demonstrado desde a década de sessenta do século passado. (Pottier, 1962; Pottier, Audubert & Pais, 1975)

Além de Pottier, Couto (2010) também tem demonstrado que o significado prototípico de toda preposição é espacial (locativo, de movimento). Em conformidade com os postulados da Ecolinguística, após formadas (movimento onomasiológico), as preposições geralmente podem adquirir outros significados, como *sobre*: depois de surgida para indicar superioridade, passou a indicar também assunto. Além disso, as preposições têm uma variada gama de usos diferentes ao serem retratadas num movimento semasiológico, ou seja, partindo dos nomes e indo na direção do que eles designam. Melhor dizendo, das preposições para as relações que elas representam. Lapa (1970), por exemplo, mostra diversos usos estilísticos derivados.

Serão utilizadas para este estudo a *Moderna Gramática Portuguesa* do Evanildo Bechara e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra a fim de investigar que preposições desviam do seu uso prototípico, quais não desviam, quais as posições da Ecologia das Relações Espaciais são representadas só por locução prepositiva, procurando uma explicação para isso, e quais preposições são também temporais.

No que subsegue, temos, na seção 2, um apanhado geral da nova disciplina Ecolinguística. Na seção 3, exponho a Ecologia das Relações Espaciais. Na seção 4, apresento a visão das gramáticas sobre as preposições. Na seção 5, finalmente, confronto o que foi exposto pela Ecologia das Relações Espaciais com o que é apresentado nas gramáticas normativas sobre as preposições, exemplificando e procurando justificativas para certas ocorrências divergentes da ERE. A seção 6 contém as considerações finais.

Arcabouço teórico ecolinguístico

Um bom modo para contrapor as ideias expostas na ERE com o que está descrito nas gramáticas normativas sobre as preposições é inserindo este estu-

do no contexto de uma teoria linguística. Vou partir da Ecolinguística, que vem sendo definida desde o início da década de 70 por Einar Haugen como sendo “o estudo das interações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente” (*apud* COUTO, 2007b). Entende-se por ‘meio ambiente’ aqui o ‘mundo’, ou o aspecto dele a cujas relações as preposições se referem. Segundo Couto (2010:03/04), o objeto de estudo dessa disciplina é constituído essencialmente de interações, ou seja, ela vê a língua como interação. Quanto ao seu meio ambiente, é o contexto em que se dão as interações, a fim de não coisificá-la. Nesse caso, temos o meio ambiente integral da língua, que compreende o meio ambiente natural, o mental e o social. No momento, daremos ênfase ao meio ambiente natural da língua, o qual é composto pela população (como conjunto de corpos físicos) juntamente com o território, ou melhor, os aspectos físicos e químicos do seu entorno. É nesse mundo físico que se encontra a ecologia das relações espaciais.

O meio ambiente mental da língua é constituído pelo cérebro e pela mente, isto é, as conexões neurais que se dão no interior do cérebro. O todo formado pela língua, pelo cérebro e pela mente constitui o ecossistema mental da língua. Por fim, temos o meio ambiente social da língua, formado pela sociedade, onde a língua é usada. É a população organizada socialmente, vista como um todo orgânico. O todo formado por língua e respectivo meio ambiente social é o ecossistema social da língua (COUTO, 2010:04).

Os três ecossistemas linguísticos não são estanques. “Há um inter-relacionamento constante entre eles. Todo fato linguístico pode, e deve ser encarado das três perspectivas” (COUTO, 2010:4). Assim sendo, a língua é considerada uma realidade biopsicossocial, embora às vezes seja necessário recortar determinado domínio de um dos ecossistemas a fim de se fazer um estudo pontual de determinado aspecto.

Objetivamos o estudo do que existe na ERE, confrontando-o com o que nos é apresentado nas gramáticas normativas sobre as preposições. As preposições indicam relações que existem no mundo, o que provém de uma visão ecológica. Na Ecolinguística, elas são encaradas de modo holístico, partindo de uma postura onomasiológica, ou seja, aquela que parte da coisa (ou do conceito) para o nome que ela (ele) tem. É por esse motivo que o estudo se insere, em primeiro lugar, no ecossistema natural da língua. Entretanto, o mental também é ativado, secundariamente, uma vez que é no cérebro que se

formam as relações. Por fim, é no consenso social, nos membros da população organizada socialmente, a sociedade, que tudo isso será confirmado (COUTO, 2010:04)

Apesar do que acaba de ser dito, ao avançarmos com a pesquisa e a temática em questão, uma postura semasiológica é também necessária. De acordo com Couto (2010:13), ela “consiste em partir dos nomes e ir na direção do que eles designam”. Postura essa aqui mencionada, mas melhor abordada em outros estudos a respeito das preposições. Sendo assim, é necessário expor detalhadamente a Ecologia das Relações Espaciais.

Ecologia das relações espaciais

Como dito anteriormente, pretende-se, nesta pesquisa, confrontar o que foi exposto pela Ecologia das Relações Espaciais com o que nos é apresentado pelas gramáticas normativas a respeito das preposições, as quais são vistas como palavras primordialmente relacionais, ou seja, são consideradas palavras de significado gramatical, categorias funcionais. Definição esta contestável aqui, pois elas estabelecem relações palpáveis do mundo natural. A propósito disso, Couto afirma que (2010:04):

As preposições espaciais são basicamente de dois tipos, as de posição e de movimento. Preposições de posição, também chamadas de locativas, indicam as diversas posições em que um objeto pode se encontrar, relativamente a outro. Por isso mesmo, pode-se dizer que são estáticas. Preposições de movimento, como o próprio nome já diz, são normalmente usadas com verbos de movimento. Elas podem indicar origem (venho de São Paulo), destino (vou a São Paulo) ou percurso (venho de carro desde São Paulo, passei por São Paulo).

As tentativas de representar a ERE no que tange às preposições iniciaram-se no século XVII, época em que John Wilkins propôs uma representação bidimensional para as preposições inglesas, o qual colocou, segundo Couto (2007b:90):

Um observador em frente a um ponto de referência que consistia de dois círculos concêntricos. Primeiro, ele apresenta uma seta “para baixo”, cujo resultado é “abaixo”, bem como uma outra “para cima”, que resulta na relação “acima”. Em seguida, temos as seguintes relações: a) “dentro” versus “fora”, b) “para dentro” versus “para fora”, c) “sobre” versus “sob”, d) “aquém” versus “além”, e) “a/para” versus “de/desde”. As seguintes relações não são dicotômicas em seu modelo: f) “sobre” (about), g) “acima” (over). Algumas posições em seu esquema não estão muito claras para mim. Por exemplo, h) “embaixo” (below) está entre o observador e o círculo, mas um pouco abaixo do diâmetro dele, não abaixo dele. Além do círculo central, de novo da perspectiva do observador, Wilkins inclui: i) “através de” e k) “além de”. Fora do círculo maior, temos l) “a/para” (to) versus “de” (off). Finalmente, veem-se m) “após” (to the back of the observer, sic!) versus “antes” (in front of him, i.e., between him and the point of reference).

Mesmo apresentando algumas inconsistências, esta foi provavelmente a primeira tentativa na história dos estudos linguísticos de representar a Ecologia das Relações Espaciais.

Bernard Pottier também estudou as preposições a partir do conceito de espacialidade. Ele apresentou as preposições tidas como de movimento, as quais foram representadas no esquema da figura 1, embora incluía nele preposições que não são de movimento e até mesmo outras categorias de palavras.

Figura 1: Modelo de Pottier

→	→
a	de
até	desde
para	por
ante	trás, após
diante	detrás
sob	sobre
sem	com

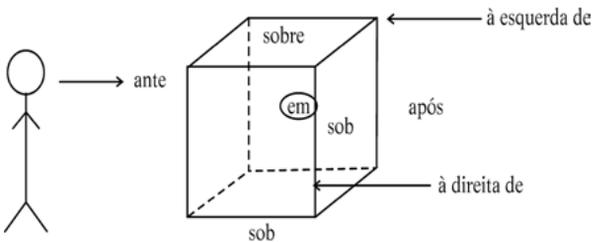
debaixo		em cima
perante		em
contra		entre
.....	

Fonte: POTTIER, *apud* COUTO (2007a)

Como já mencionado antes, toda preposição indica determinada posição prototípica, ou movimento prototípico, conforme Couto (2010:01). Como um subconjunto dessa relação, têm-se as preposições que indicam relações naturais, as quais existem na natureza independente de um observador, dentre elas estão: *em, entre, sobre, sob*.

Quanto às preposições de posição, temos o modelo que fora usado por John Wilkins no século XVII, retomado por Couto (1973: 45-46), refinado em Couto (1994) e aplicado às preposições portuguesas em Couto (2010). Trata-se da já mencionada Ecologia das Relações Espaciais, exposta na figura 2 (ver também Vandeloise, 1991).

Figura 2 - Preposições de posição



Fonte: COUTO, (2007a:122)

Couto (2007:91/2010:05) explica essa figura da seguinte maneira:

O ponto central dessa ecologia é a interioridade. Isso se deve ao fato de ela não exigir um observador. Assim, o caroço no interior de uma fruta está objetivamente lá, independentemente de haver alguém para observá-lo ou não. Por isso, ela é considerada

a relação espacial não marcada, ao lado de seu oposto, a exterioridade. Não é de admirar que a preposição que a codifica (*em*) seja a preposição espacial não-marcada, inclusive a que codifica a relação oposta (*fora de*), que não está na figura 2.

Logo a seguir vêm as posições de superioridade (*sobre*) e inferioridade (*sob*). As posições nelas contidas são também independentes de um observador. Sendo assim, elas constituem a segunda e a terceira posição mais natural, respectivamente.

Ainda consoante a Couto (2010), as posições de anterioridade (*ante*, *antes de*) e posterioridade (*após*) dependem de um observador, uma vez que um objeto só pode estar antes ou depois de outro relativamente a ele. Couto (2010:05) afirma ainda que:

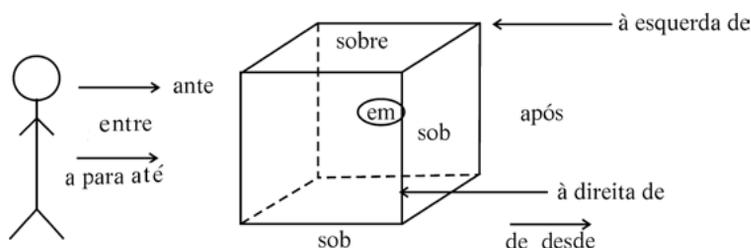
[...] se pensarmos em frente (*na frente de*) e traseira (*atrás de*), há entidades dotadas de frente e traseiro intrínsecos, como uma casa e um animal, por exemplo. Assim, independentemente de um observador, um objeto pode estar na frente da casa se estiver do lado da porta que dá para a rua.

Existem ainda as relações de dexteridade (*à direita de*) e sinistridade (*à esquerda de*), as quais só são representadas por locuções prepositivas. De acordo com Couto (2010:05):

Elas são as mais marcadas de todas as que compõem a ecologia das relações espaciais. Cruzando todas essas relações, temos a dimensão verticalidade versus horizontalidade, de modo que todas as preposições podem ser encaradas dessa perspectiva. A relação de superioridade/inferioridade passa, verticalmente, pelas preposições *sobre-em-sob*, nessa ordem. A de anterioridade/posterioridade se alinha ao longo da horizontalidade, redundando na sequência *ante-em-após*. Por fim, a dimensão lateralidade, que inclui dexteridade e sinistridade, passa por *à direita de - em - à esquerda de*.

É válido lembrar que as relações representadas nas duas figuras não exauram todas as relações espaciais possíveis. Existe ainda a posição de intermediação (*entre*). A figura 3 mostra que ela pode ser localizada entre o observador e o cubo. A figura mostra ainda que as relações de direção de Pottier, mostradas na figura 1, podem ser incluídas na Ecologia das Relações Espaciais da figura 2, o que mostra que essa ecologia pode incluir todas as relações espaciais, inclusive as de movimento, com *a, para e até* (\rightarrow) e *de e desde* (\leftarrow), ou seja, a Ecologia das Relações Espaciais inclui as relações de Pottier.

Figura 3 – Ecologia das Relações Espaciais



Fonte: Hildo Honório do Couto, não publicada.

No estudo das preposições, assim como de qualquer palavra da língua, é necessário primeiro partir da base mostrada nas figuras 1, 2 e 3, que é o momento onomasiológico, de emergência das palavras, mas, após formada, a palavra pode adquirir outros matizes de significação, que é o momento semiológico, como demonstrou Couto (2010). Como se pôde ver, Pottier, assim como Couto, mostram que as preposições têm origem espacial, de modo que as temporais e as nocionais (abstratas, aquelas que expressam relações indicadas pelo contexto, mas na ERE elas também são redutíveis à espacialidade, mesmo que de forma não explícita) são derivadas delas.

De acordo com Couto (2007a), segundo o que se passa com as relações espaciais, a relação temporal fundamental é a decorrente de interioridade, expressa em muitas línguas pela preposição *em*. “Assim, quando se diz que alguém nasceu ‘no mês de abril’ quer dizer que nasceu ‘no interior’ [...] do mês de abril”. (COUTO, 2007a:142). O que mostra que as relações temporais são apenas um subconjunto das relações espaciais. Couto (2007a) constata

ainda que o espaço é tridimensional, o tempo é unidimensional, linear, o qual parece ser ‘dinâmico’, o que advém dele estar associado a movimento. Logo após a essa relação, temos a de anterioridade e posteridade que também são tidas como temporais. Em português ela está lexicalizada pelas preposições *ante* e *após*, respectivamente. Essa relação tem a ver com a sequência linear do tempo. Tendo um ponto nesta linha, tudo que aconteceu antes dele pertence a anterioridade, chamado de passado. Tudo que acontecer depois dele, está no domínio da posteridade e é chamado de futuro. A relação de anterioridade/posterioridade se alinha ao longo da horizontalidade, redundando na sequência *ante-em-após*.

Cunha (2010:10), afirma que “das preposições simples, algumas parecem ser incompatíveis com a temporalidade ou, então, só podem ser usadas temporalmente em contextos muito específicos. Entre elas temos *com*, *sem*, *contra*, *entre*, *perante*, *sobre*, *sob*, além das locuções prepositivas, *à esquerda de*, *à direita de*.”

Das preposições (ou locuções prepositivas) da figura 1, praticamente todas podem ser usadas temporalmente. Segundo Couto (2010:10), “algumas delas parece terem se especializado, ou estão se especializando, no uso temporal, como *após*. Outras poderiam ser chamadas de espacio-temporais uma vez que podem ser usadas numa ou noutra significação.”

A respeito das locuções prepositivas, Couto (2010:11) defende a tese de que elas são:

redutíveis a duas preposições simples intermediadas por um nome, ou outra categoria [...] Às vezes, elas constam de um advérbio mais uma preposição, como a maioria das ditas locuções prepositivas que substituem as preposições simples da ecologia das relações espaciais.

À vista disso, Couto diz que em vez de preposição composta ou locução prepositiva se poderia falar apenas em preposição, pois todas as construções que são classificadas como locuções prepositivas são constituídas de duas preposições simples mais uma palavra lexical, em geral um substantivo, advérbio ou um adjetivo. Locuções como *à maneira de*, *para fora de*, *por debaixo de*, etc. são exemplos do que foi dito.

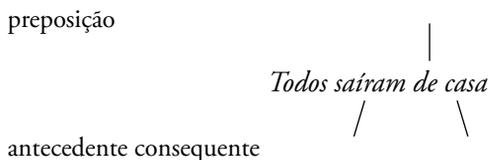
Couto, portanto, demonstra que até mesmo adotando uma postura semiológica, a variada gama de diferentes usos das preposições se reduz ao significado espacial, temporal e, às vezes, spatiotemporal. “Há um núcleo significativo comum que, ao fim e ao cabo, desemboca no significado que emerge da ecologia das relações espaciais”. (COUTO, 2010:13)

As preposições sob o olhar das gramáticas normativas

As gramáticas selecionadas para realizar este estudo, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* do Celso Cunha e Lindley Cintra e a *Moderna Gramática do Português* do Evanildo Bechara, definem de maneiras distintas o que vem a ser *preposição*, a qual para Bechara (2009:296) é “uma unidade linguística desprovida de independência [...] que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.” Já para Cunha (2008:569) “são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (*antecedente*) é explicado ou completado pelo segundo (*consequente*)”.

Mesmo de forma distinta, não há divergência entre esses autores, e outros tradicionais, de que as *preposições* são unidades funcionais que relacionam elementos na sentença. Bechara (2009:296) afirma ainda que as preposições não exercem “nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz”, ou seja, são meras partículas gramaticais, categorias funcionais.

Ao desempenhar este papel, ambos os autores reafirmam que o termo anterior à preposição chama-se *antecedente*, e o posterior chama-se *consequente*. Cunha (2008:569) apresenta como exemplo:



Quanto à forma, Cunha (2008:569) menciona que as preposições podem ser classificadas em *simples* e *compostas* (ou *locuções prepositivas*). As *preposições simples*, segundo ele, são expressas por um só vocábulo, as quais são: *a, ante, após,*

até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.

Ambos os autores mostram que tais preposições se denominam também *essenciais*, palavras que só aparecem na língua para desempenhar o papel de preposição conforme afirma Bechara (2009:301).

São preposições *acidentais*, de acordo com Bechara (2009:301), “as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições”. Como: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, tirante, segundo, senão, etc.*

Já a *locução prepositiva*, segundo Bechara (2009:301), “é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição”. Constituída de dois ou mais vocábulos, seguida, geralmente, das preposições simples *de, a* ou *com*. Alguns exemplos apresentados por Cunha (2008:570) são: *a despeito de, de acordo com, em frente a, por diante de, em torno de, junto a, a fim de, etc.*

Bechara e Cunha, dessa forma, definem as preposições se voltando para sua função gramatical, apenas como um elemento de ligação na frase ou oração, no entanto, ao adotarem uma postura semântica, como veremos a seguir, eles se contradizem ao mostrarem que elas apresentam uma significação, não sendo vazias de significado, demonstrando inclusive seu emprego, seu uso.

Bechara (2009:298), à vista disso, afirma que cada preposição tem o seu significado fundamental, primário, do qual desdobram-se outros significados contextuais (sentido). Ele menciona ainda que essas acepções emergem de forma particular a partir do nosso conhecimento de mundo.

A significação das preposições, seu significado fundamental e os contextuais, serão melhor evidenciados na próxima seção ao contrapormos as ideias expostas pela ERE e as presentes nas gramáticas normativas, pois interessa a Couto o valor semântico ao demonstrar as relações que cada preposição designam.

Mesmo adotando essa postura voltada para a semântica, em algum momento ou outro, ambos os autores levam em consideração a função relacional “pura” dessas preposições, ou seja, desconsideram o sentido da preposição, de modo a considera-la como um simples elo sintático, vazio de conteúdo significativo. Vejamos o exemplo a seguir encontrado em Cunha (2008:572):

- 1) Viajei *com* Pedro
- 2) Concordo *com* você

A preposição *com*, nos dois casos, exprime a ideia de “associação”, “companhia”, a qual se mostra mais presente no primeiro exemplo, pois, no segundo, “o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já fixada do idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de “associação”, “companhia”, em favor da função relacional pura.” (Cunha, 2008:573) Nesses casos, despreza-se o sentido da preposição e a considera apenas uma partícula de relação, vazia de conteúdo significativo.

Ambos os autores demonstram que a intensidade significativa da preposição depende do tipo de *relação sintática* por ela estabelecida, ou melhor, a semântica aqui pontuada por eles é dependente da sintaxe, o que pode ser contestada pela ERE, a qual acredita que as preposições desempenham relações existentes na natureza.

Além disso, outros tópicos sobre as preposições são abordados nas gramáticas, como: as relações fixas, necessárias ou livres que estas unidades desempenham; a combinação (acúmulo) de preposições; combinação e contração com outras palavras; a preposição e sua posição conforme as relações sintáticas. Estes demais assuntos, no entanto, não são relevantes para nossa pesquisa. Passemos, então, à comparação entre as ideias apresentadas pela ERE e pelas gramáticas.

Preposições: gramática normativa x ecologia das relações espaciais

Da perspectiva da Ecologia das Relações Espaciais, Couto (2010:15) relata que “as preposições não são vazias de significado, uma vez que contribuem para a função referencial da linguagem e, por isso, para sua função primordial, que é a comunicação”, ou seja, as preposições contribuem muito para a mensagem, indo além de ser apenas um elemento relacional de função gramatical. Couto (2010:15) confirma essa ideia, por exemplo, “se dissermos este livro é *de* Camões estaremos falando de uma situação muito diferente das que seriam descritas por este livro é *sobre* Camões e este livro é *contra* Camões, respectivamente”. Notamos, assim, que as mensagens contidas nos enunciados se distinguiram apenas pela troca das preposições,

Bechara, entretanto, (2009/2010) contradiz essa ideia ao demonstrar, num primeiro momento, que as preposições não desempenham outro papel a não ser o de ‘índice da função gramatical’. Vai além, dizendo que elas apare-

cem nos discursos por ‘servidão gramatical’, como um mero indicador da função sintática. Mesmo no momento em que trata as preposições de uma perspectiva semântica, Bechara demonstra que o significado dessas preposições é dependente das relações estabelecidas entre os elementos da frase, oração. O que evidencia sua predileção pelo aspecto sintático, tendo as preposições como meros elementos de função gramatical.

Já Cunha (2008:570) equipara-se, em parte, à ERE ao evidenciar que a relação que se estabelece entre as palavras ligadas por meio de preposição pode exprimir movimento ou uma situação resultante do movimento, os quais podem ser considerados em referência a espaço, tempo ou noção, como visto em Pottier. Por exemplo, a preposição *de* estabelece uma relação, segundo Cunha (2008:571):

1) Espacial em:

Todos saíram *de* casa.

Origem



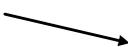
2) Temporal em:

Trabalha *de* 8 às 8 todos os dias.

3) Nocial em:

Livro *de* Pedro

Posse

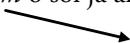


Em síntese, do mesmo modo como em Pottier e Couto, Cunha (2008:572), numa postura semântica, diz que apesar dos diversos matizes significativos das preposições, é possível estabelecer uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional, isto é, de acordo com a ERE, a significação das preposições está indicada por uma determinada posição prototípica, as quais podem se deslocar para posições contíguas.

Logo, percebemos que as preposições expostas em Cunha pouco desviaram do uso prototípico espacial (locativo, de movimento). Apenas as preposições *com* e *sem* não apresentam um significado claramente espacial para ele, classificando-as apenas como nocionais, por exemplo (Cunha, 2008):

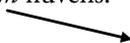
1) Saia do hotel *com* o sol já alto.

Simultaneidade



2) O sol subia no céu azul *sem* nuvens.

Ausência



Ainda com o propósito de demonstrar quais preposições desviam e quais não desviam do uso prototípico exposto pela ERE, pude perceber que Bechara, ao tentar demarcar os significados fundamentais de cada preposição (significado prototípico), se contradiz em alguns momentos, ele afirma que:

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, se divide em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “*dinamicidade*” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “*estáticas*” e “*dinâmicas*” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo. Ao primeiro campo pertencem: *a, contra, até, para, por, de e desde*; ao segundo: *ante, perante, após, trás, sob, sobre, com, sem, em e entre*. (Bechara, 2010:291)

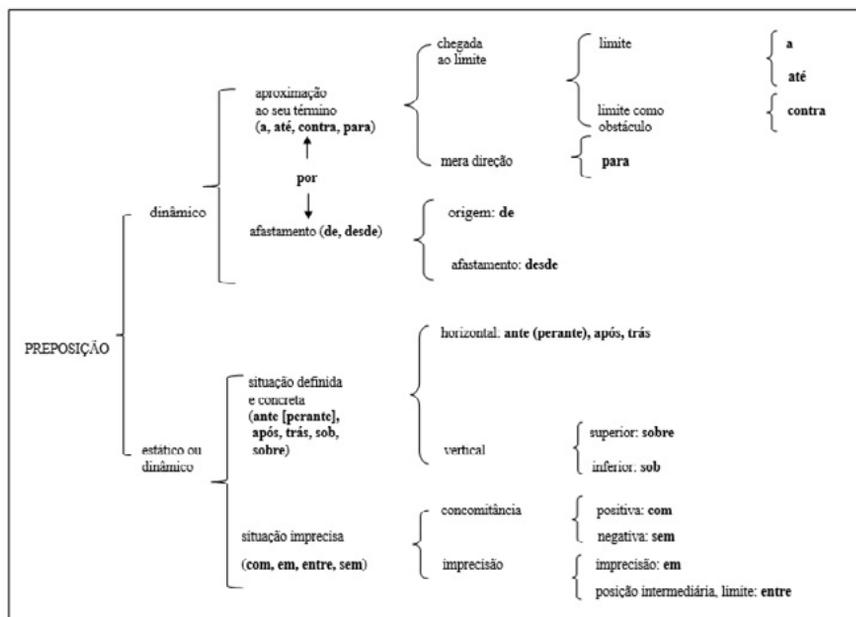
Ao contrastar o que foi exposto por ele neste momento com o que é mostrado pela ERE, notamos que, aparentemente, as preposições que desviam do uso prototípico, segundo ele, seriam as contidas no primeiro campo e as que não desviam estão compreendidas no segundo. Contudo, Bechara vai além, ele subdivide estes dois grupos em subgrupos e estes em outros subgrupos. São nessas subdivisões que encontramos a contradição. Segundo ele:

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: a) *movimento de aproximação ao ponto de chegada (a, contra, até, para)*; b) *movimento de afastamento (de, desde)*. A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções [...] O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “*chegada ao limite*” (*a, até, contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “*limite como obstáculo*” ou “*confrontamento*”); b) “*mera direção*” ou “*direção de demora*” (*para*). O segundo subgrupo

também admite divisão em duas outras noções de *afastamento*: a) “origem” (*de*); b) “mero afastamento” (*desde*). O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: a) *situação definida e concreta* (*ante, perante, após, trás, sob, sobre*); b) *situação mais imprecisa* (*com, sem, em, entre*). O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “*situação horizontal*” (*ante, perante, após, trás*); b) “*situação vertical*” (*sob, sobre*). O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: a) “*copresença*”, distribuída em “*positiva*” (*com*) e “*negativa*” (*sem*); b) em que a noção de “*limite*” [...] marca a preposição *entre*. (Bechara, 2010:291/292)

Esses traços semânticos podem ser melhor visualizados na figura 4, em que se encontra o resumo do sistema preposicional do português em conformidade com Bechara (2009/2010).

Figura 4: Traços semânticos



Fonte: BECHARA (2010:292)

Se levado em consideração apenas o primeiro subgrupo, percebemos que se depreende, de forma clara, quais preposições desviam e não desviam do uso prototípico espacial, porém, ao considerar as subdivisões, depreende-se de todas elas noções complementares de espacialidade, o que evidencia a contradição de Bechara, e reforça as ideias expostas pela ERE de que todos os usos das preposições se reduzem a um significado prototípico de cunho espacial. Os subgrupos que talvez demonstrassem um traço que desvia do uso prototípico seria o de “copresença”, marcado, novamente, pelas preposições *com* e *sem*.

A respeito das preposições temporais, a ERE as classifica como um subconjunto das espaciais. Dessa maneira, para Cunha (2008), as preposições que também são temporais são: *a, ante, após, até, de, desde, em, entre, para, por (per), sob, sobre*. A preposição *trás*, que não foi mencionada, talvez possa ser utilizada com a noção de temporalidade se representada pela locução prepositiva *depois de*, no entanto, Cunha não faz alusão a isso. Ele não classifica essa preposição simples, pois a considera já arcaizada, substituindo-a pela locução.

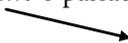
Como visto, Cunha (2008:591/592) classifica as preposições *sob* e *sobre* como sendo também temporais, mas Couto (2010:10) afirma que, “trata-se, porém, de construções arcaizantes”, vejamos:

1) A Companhia só voltou a se instalar no Brasil em 1841, *sob* Pedro II Imperador.

2) *Sobre* tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público, fazendo ele os seus cálculo, eu os meus sonhos.

Quanto à Bechara, as preposições que denotam temporalidade, e que são classificadas por ele, são: *a, de, em, entre, para, por (per)*. No caso da preposição *entre*, considerada por ele, e Cunha, como posição intermediária no tempo, percebemos que a marca de temporalidade se dá devido a esta preposição acompanhar um elemento posterior (consequente) que remete à temporalidade, Cunha (2008:586) aponta como exemplo:

1) Todos os barcos se perdem *entre* o passado e o futuro.



Houve um esvaecimento do conteúdo significativo.

Bechara não evidencia o emprego, ou uso, das preposições: *ante, desde, perante, sem, sob, sobre, após, trás*, mas na figura 4 é possível verificar as noções que elas expressam. Possivelmente, Bechara não se preocupa em classificar todas as preposições por adotar uma perspectiva mais sintática que semântica em sua análise.

Com relação às locuções prepositivas, as posições da ERE representadas somente por locuções, de acordo com Couto (2010), seriam a sinistridade e dexteridade, contidas na dimensão lateralidade, as quais são expressas por: *à direita de* e *à esquerda de*. Bechara e Cunha, entretanto, não mencionam essas posições específicas, mas fazem referência à dimensão lateralidade ao usarem como exemplo a locução *ao lado de*. Talvez essa menção ocorra por ela ser mais usual que as outras duas locuções. As outras posições da figura 3 são representadas também por preposições simples, o que pode ser evidenciado tanto na ERE, como nas gramáticas.

Como se pôde ver acima, o que basicamente Cunha adota, para o estudo das preposições, são as relações do esquema de Pottier, que podem ser inseridas de forma ampliada na Ecologia das Relações Espaciais. De modo que, as definições, as significações e valores semânticos dessas preposições convergem com o que é exposto na ERE, sendo poucos os desvios dos protótipos espaciais. Já Bechara apresenta uma visão mais destoante sobre as preposições, mas que se analisada em seus por menores, como as vistas no quadro dos traços semânticos, perceberemos que talvez todos os usos das preposições, mencionadas por ele, reduzam-se a um significado prototípico de cunho espacial.

Considerações finais

O objetivo principal neste artigo foi expor a Ecologia das Relações Espaciais (ERE) e contrastá-la com a descrição que as gramáticas fazem das preposições, com o intuito de demonstrar quais preposições desviam do seu uso prototípico, quais não desviam, quais as posições da ERE são representadas só por locução prepositiva, procurando uma explicação para isso, e quais preposições são também temporais.

Nesse sentido, vimos que, na ERE, todas as preposições indicam relações prototipicamente espaciais e as demais nada mais são que derivações dessas relações. Sendo assim, por mais divergente que pareça determinado uso, ele tem sempre um significado nuclear subjacente à espacialidade. No entanto, Bechara apresenta ideias divergentes ao considerar que mesmo apresentando um significado fundamental, ele nem sempre está relacionado à espacialidade, como tentou demonstrar em sua classificação semântica, mas que ao compara-

-la à ERE, foi possível perceber contradições quanto a isso, bem expressas em seu quadro de traços semânticos, expresso pela figura 4.

Já as ideias de Cunha a respeito não divergem tanto por ele adotar uma visão pautada no esquema de Pottier, em que a significação fundamental das preposições é marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante, e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Talvez o que mais destoa da ERE, conforme os dois autores, sejam as locuções prepositivas, por ambos não abordarem todas as posições expostas no cubo da Ecologia das Relações Espaciais.

Além dos objetivos aqui estabelecidos, outra questão foi constatada. Ambos os autores se contradizem ao ficarem presos, em muitos momentos, à função gramatical que as preposições estabelecem. Bechara e Cunha demonstram, a priori e de forma contraditória, que a significação das preposições depende do tipo de relação sintática por elas estabelecido. A postura semântica que eles adotam é, aqui, dependente da sintaxe. Essa visão, porém, é contestada pela ERE, a qual acredita que as preposições desempenham relações existentes na natureza.

Sendo assim, percebemos que as ideias de Cunha, ao concordar em parte com a ERE, reforçam os conceitos de relação espacial presentes na Ecologia das Relações Espaciais, o que talvez ocorreu por sua postura mais voltada à semântica que à sintaxe, o que é contrário as pesquisas já feitas. Quanto a Bechara, por ele adotar uma perspectiva sintática, suas ideias acabam divergindo das expostas na ERE, mas num momento de análise semântica, ele deixa transparecer ideias que convergem com as evidenciadas pela Ecologia das Relações Espaciais, mesmo que de forma contraditória.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2010.

BORBA, Francisco da Silva. *Sistema de preposições em português*. Universidade de São Paulo, tese de livre-docência, 1971.

COUTO, Hildo Honório. *Os conetivos*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP. 1973.

- COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística – Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília, Thesaurus, 2007a.
- COUTO, Hildo Honório. *Ecologia das relações espaciais - as preposições do crioulo guineense*. Papia 17. 2007b. p. 80-11.
- COUTO, Hildo Honório. *Ecologia das preposições espaciais portuguesas*. Lusorama. 2010. p. 83-84.
- COUTO, Hildo Honório. *Onomasiologia e semasiologia revisitadas pela ecolinguística*. Revista de estudos da linguagem. v. 20, n. 2. 2012. p. 183-210.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed. 2008.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970, 6a ed.
- POTTIER, B. 1962. *Systématique des éléments de relation: étude de morphosyntaxe structurale romane*. Paris: Librairie Klincksieck, 1962.
- POTTIER, B; AUDUBERT, A. & PAIS, C. T. *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo: DIFEL, 1975, 3ª ed.
- VANDELOISE, Claude. *Spatial prepositions: A case study from French*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

AN APPROACH ECOLINGUISTICS OF PREPOSITIONS PORTUGUESE

ABSTRACT: This article focuses on the study of prepositions from the Ecology of Spatial Relations (ERE) equivalent to what is presented in normative grammars, this way, the objective is to expose the ERE and contrasts it with the descriptions grammars do prepositions from a perspective Ecolinguistics.

KEYWORDS: Prepositions; Ecology of Spatial Relations; Prototypical.

Recebido em: 21/05/2016

Aprovado em: 18/10/2016